

REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 9 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2020

A CEIA DO SENHOR

The Lord's supper

Dr. João Pedro Gonçalves Araújo¹

RESUMO

A ceia foi inaugurada em um tempo de rompimento e transição. Jesus celebrava a última páscoa e anunciava um novo êxodo, a salvação do novo Israel de Deus onde ele era o próprio cordeiro pascal. A páscoa virou ceia, os primogênitos dos egípcios mortos na primeira páscoa passou a ser interpretada na morte do primogênito de Deus. A partir de então, a ceia cristã passou a ter significados como presença, comunhão, alegria, acolhimento, celebração e espera da volta do Senhor. A ceia tende a ser desfigurada quando sua ênfase passa a ser o local, a forma e exigências éticas são colocadas sobre os participantes como sendo mais importantes que a presença do Senhor.

Palavras-chave: Ceia. Comunhão. Escatologia. Alegria. Páscoa.

¹O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília (FTBB), Bacharel em Filosofia pela UnB, Mestre em Ciências da Religião pela UMESp, Doutor em Sociologia pela UnB e Pós-Doutor pela PUC/GO. Está associado ao corpo docente da Faculdade Teológica Batista de Brasília. E-mail: profarau@gmail.com

ABSTRACT

The supper was inaugurated in a time of rupture and transition. Jesus celebrated the last passover and announced a new exodus, the salvation of the new Israel of God where he was the paschal lamb. The passover became supper, the firstborn of the Egyptians who died on the first passover came to be understood in the death of God's firstborn. Since then, the Christian supper began to have meanings like presence, communion, joy, welcome, celebration and waiting for the Lord's return. The Supper tends to be disfigured when its emphasis happens to be the location, shape and ethical requirements placed on the participants as being more important than the presence of the Lord.

Keywords: Supper. Communion. Eschatology. Joy, Easter.

INTRODUÇÃO

A 'primeira ceia' do Senhor foi um momento ímpar na vida de Jesus e dos discípulos. Chamo de a 'primeira ceia' aquela realizada durante a última páscoa de Jesus com os seus discípulos. Até aquele dia, Jesus comemorava a páscoa com os doze. Eles mesmos perguntaram: "Onde o Senhor quer que preparemos a páscoa?", (Mc 14.12). Foi, portanto, no contexto desta última páscoa que a ceia do Senhor foi inaugurada.

Logo cedo, porém, as igrejas começaram a dar outros significados e interpretações nas suas práticas diárias e nos cultos. Foi nesse contexto de pluralidade de sentidos que a ceia tomou nas comunidades leitoras que os Evangelhos e Epístolas foram escritos. Os escritores do Novo Testamento ensinaram e corrigiram algumas práticas que, com o uso, foram se perdendo ou foram sendo acrescentadas naquelas comunidades cristãs.

Neste texto, examinaremos alguns destes muitos sentidos. Sem desconhecer os diversos ambientes de discussão sobre a ceia nos primeiros séculos e ceieira criada em relação ao tema entre os diversos reformadores, ele foi escrito no contexto das exigências sanitárias em virtude da prevenção no novo Coronavírus. Em virtude disso, o tema voltou a aflorar com as mesmas paixões que tiveram muitos cristãos no passado: a periodicidade da realização, a forma, pessoas dignas e indignas de sua participação e o local onde pode ou não ser realizada.

1. CEIA EM GERAL

Quando o tema e sentido da ceia são examinados a partir do texto neotestamentário, um complexo de termos aparece. Muitos aspectos aparecem relacionados ao seu sentido: acolhimento (xenizo), comida sagrada (xenía), banquete (simpósio), ceia do Senhor (kyriakon deipnon), mesa do Senhor (trapéza), comida (deipnon), partir o pão (klásis), comer (esthio), beijo santo, carne (sarx, créas), comunhão (koinonia), fome (peináo), mastigar (trogo), e segunda vinda (parusia).

A comunhão da mesa tem o mesmo sentido que participar da bênção do Senhor. Para os primeiros cristãos, a presença de Jesus na ceia ficava evidenciada na invocação que era feita no início e nas ações de graças ao final. O partir do pão (τῆ κλάσει τοῦ ἄρτου – te klásei tou ártou) foi uma prática herdada entre os cristãos do costume que caracterizou o ato de Jesus tomar o pão, invocar a presença divina, abençoar o alimento e distribuir entre todos.

Por ocasião das reuniões para a comida comunitária ou familiar, o chefe tomava o pão e pronunciava sobre ele a bênção em nome de todos os presentes. Depois, quebrava o pão e dava um pedaço a cada participante. Assim, o indivíduo se tornava participante da bênção. Depois da refeição, seguia-se outra bênção. A divindade, então, era invocada como testemunha, hóspede e convidada. É por isso que a comunhão da mesa, o participar da mesa, era como participar da bênção do Senhor e como se ele estivesse abençoando a nova relação entre os homens. Quanto à comida em si, o agradecimento que se fazia por ela seria como o ato de trazer Deus para comer com a pessoa e reconhecer que aquela refeição era bênção de Deus.

No início, antes da comida propriamente dito, era servida uma taça de vinho. Foi a essa taça que Paulo chamou de a ‘taça da bênção’ (1Co 10.16), isso porque, antes da bebida, uma bênção deveria ser pronunciada pelo líder ou chefe da casa. Essa bênção, claro, se estendia a todos os presentes. Depois, deveria haver uma bênção sobre o pão, distribuído para ser comido com as carnes. Na ceia judaica, os principais ingredientes eram constituídos de pães asmos, ervas amargas e vinho. Uma refeição de comunhão, deste tipo, não somente fazia com que os participantes dramatizassem uma irmandade entre si, os homens também se tornavam irmãos de Iavé, significado do nome Aíás (Iavé é meu irmão).

Uma rápida leitura da Bíblia, é possível perceber que a refeição cerimonial

no contexto de uma aliança passou a significar muitas coisas para as igrejas iniciantes. Queria dizer, por exemplo, que aqueles que comeriam juntos estavam aliançados, isto é, o convidado tinha recebido perdão (2Sm 9.7; 2Rs 25.27-30), proteção (Jz 19.15), e a paz (Gn 43.25). As pessoas estavam em nova e melhor relação, a paz havia sido restaurada.

2. CEIA E PÁSCOA

A ceia do Senhor não começou do nada. O termo, portanto, não foi inventado pelos cristãos. Ela trouxe consigo elementos das práticas religiosas vindas do judaísmo e elementos dos banquetes gregos. Quanto ao judaísmo, Jesus instituiu a ceia (nova aliança) no contexto da velha aliança. A páscoa celebrava a libertação dos hebreus que foram feitos escravos no Egito. Com o tempo, a libertação passada começou a desenvolver o sentido de uma libertação que aconteceria no futuro. A figura de um Messias libertador começou a ser esperada, o que aconteceria, como supunham, na noite da páscoa. Em virtude de tal esperança, veio a prática de se colocar uma cadeira vazia à mesa esperando a sua chegada.

Na última páscoa comemorada com os discípulos, Cristo reivindicou cumprir todo o simbolismo passado dos judeus além de aplicar para si o cumprimento da expectativa futura do seu povo. Com isso, Jesus afirmou que o Messias esperado havia chegado. Essa última páscoa foi também a primeira ceia cristã. Quer dizer, além de ter cumprido e transcendido a páscoa, Jesus deu à cerimônia judaica um novo significado. Ele se apresentou como o ‘cordeiro pascal’ (1Co 5.7). Com isso, houve a inclusão de novos termos, compromissos maiores e melhores de Deus para com o homem e novas exigências do homem para com Deus. Na antiga aliança feita no contexto da saída do Egito, todos os descendentes de Abraão foram tirados de lá, querendo ou não. Deus tomou o povo e o libertou. Na nova aliança, a ‘saída’ se daria pelo perdão dos pecados pelo exercício da fé em Jesus.

Com o seu próprio sangue, Jesus cumpriu todo o ritual de purificação e expiação segundo o Antigo Testamento. Visto que tudo se cumpriu nele, o cálice, quer dizer, o sangue de Cristo derramado pelos homens, passou a ser a nova libertação esperada pelos judeus. Além disso, Deus estava dramatizando a realização de um novo Êxodo, e com ele, um novo Israel se formou (Gl 6.16). A partir de então, a libertação estava sendo feita não com a morte dos

primogênitos egípcios, mas com a morte do primogênito de Deus.

Com a expressão ‘este é o meu corpo, este é o meu sangue’, Jesus aplicou para si os termos dos sacrifícios do Antigo Testamento. O sangue do cordeiro nas portas dos israelitas poupou os seus primogênitos. Com a morte de Jesus, o primogênito de Deus, todos aqueles que se tornaram filhos (também) foram considerados primogênitos de Deus e são protegidos por ele (Hb 12.23, cf 2Ts 2.13; Tg 1.18).

3. CEIA E BANQUETE

Nascida a partir da celebração da páscoa judaica, como escrevemos acima, a ceia cristã interpreta e ultrapassa a festa da antiga aliança. Ao mesmo tempo, a ceia estava inserida nos costumes gregos dos tempos apostólicos. Assim, houve a inserção de novos elementos tomados por empréstimos da cultura grega, os banquetes. Não é preciso imaginar, portanto, que o pensamento grego pressupunha a ausência de elementos religiosos em suas práticas. Como veremos, os gregos eram tão religiosos quanto os judeus. Cada qual, porém, com as suas crenças e rituais. Que os gregos acreditavam nos deuses, está claro no pensamento de Platão ao afirmar que o governante da *polis* (cidade grega) não poderia não crer nos deuses.

Para os gregos, o comer, o beber e o sexo eram práticas que aproximavam o homem do divino. Porém, nada havia que levasse mais o homem para perto dos deuses que o ato de comer e beber. As comidas (banquetes) que faziam devem ser vistas nessa perspectiva. *Deipnon*, comida – almoço ou janta –, era uma refeição que incluía, necessariamente, rituais sagrados. O participante acreditava que estava sentado à mesa de Deus (*trapeza tou theou*). O pensamento que está por trás dessa ideia é da união que existe entre aqueles que comem juntos na presença das divindades.

O banquete - comida em geral - tinha como motivo uma comemoração ou não; podia ser feito com amigos ou não. Sempre implicava, porém, o fator relacional como elemento presente. O banquete era constituído de duas partes: a primeira, chamada de *deipnon*, era composta de carne assada e pão. Esse *deipnon*, consistia de um oferecimento e invocação dos deuses. A segunda, era chamada de simpósio. Feita a refeição principal, os presentes tiravam um tempo para conversas amigáveis, relacionamentos e interações. Nessa hora do simpósio, esperava-se que os participantes falassem de seus status sociais, a

origem familiar e lugar de onde tinham vindo.

A partir da estrutura das reuniões dos gregos para a comida coletiva, pode-se concluir que nos casos de embebedamento dos ricos em Corinto, ou o ato de banquetear-se (Jd 12; 2Pe 2.13), eram ocasiões onde os participantes se gloriavam de suas posses, sabedoria intelectual, riquezas, origem familiar e feitos pessoais.

Para evitar tais excessos dos banquetes gregos nas diversas igrejas, os autores do Novo Testamento lembraram aos leitores que o Deus cristão não fazia acepção de pessoas, e, por conseguinte, não aceitava que se fizesse isso nos cultos. Ou seja, a exposição dos feitos nobiliárquicos, as reivindicações pessoais e exposição do status não eram esperados, ou, talvez, eram desencorajados entre os fiéis. O testemunho de Paulo serviria, nesse contexto, para demonstrar que, a partir da sua conversão, ninguém mais conhecia segundo a carne, isto é, de nada mais valeria na igreja a reivindicação do status social ou intelectual que teve antes de conhecer a Cristo. Talvez se entenda, nesse mesmo contexto, as palavras de Jesus explicando que Deus chamou para o seu banquete os pobres e aleijados. Por isso, também os discípulos foram orientados a chamar aqueles que não podiam dar outro banquete de volta como pagamento do convite recebido (Lc 14.13,23).

4. CEIA DO SENHOR

A expressão ‘ceia do Senhor’ (*kyriakon deipnon*), aparece somente uma vez no Novo Testamento (1Co 11.20). Esse termo está diretamente relacionado a 1 Coríntios 10.22: ‘a mesa do Senhor’ (*trapeza kyrios*). Logo após a ressurreição e ascensão de Jesus, os fiéis mantiveram o costume de se reunir diariamente para comer, o que chamavam de ‘partir o pão’ (*klao ton arton ou klasis tou artou*). De acordo com Atos 2.42,46; 20.7, 11, infere-se que tais reuniões para partir o pão se desse diariamente, ou, no máximo, uma vez por semana.

Para as celebrações da comida diária em nome e na presença do Senhor, nada havia em termos de exigências que se conhece atualmente na forma de ritos religiosos ou morais: um local santo, um celebrante santo, um dia santo, uma relação conjugal santa (casamento civil) e uma pertença santa (membresia da igreja).

Está claro que, em Jerusalém, e nas outras cidades, em virtude do número alto dos cristãos, não havia líderes (pastores) em número suficiente para a

direção dessa comida de comunhão. O fato de ser ‘de casa em casa’, dispensava a presença de um oficial eclesiástico para tais reuniões. O partir do pão era feito à semelhança do que Jesus fazia – ações de graças e bênção – e era feito com a invocação da presença espiritual no meio daqueles que comiam.

As reuniões do ‘partir do pão’ tem esse título vindo de Jesus, chamado por seus adversários de comilão e bebedor (Mt 11.19). Ele foi descrito várias vezes multiplicando o pão para milhares de ouvintes: 5 mil (Mt 15.32-39; Mc 6.3-44; Lc 9.10-17; Jo 6.1-13), e 4 mil (Mt 15.32-39; Mc 8.1-10). A comida com os discípulos foi uma marca do seu ministério terreno. Mesmo ressuscitado, comer com os seguidores continuou sendo uma prática comum (Jo 21.5, cf At 1.4). Foi em ato semelhante que ele foi reconhecido em Emaús (Lc 24.30-31). Sua liderança no comer, abençoar e dar graças ficou impregnado na mente dos doze (At 10.41). Ante a dúvida dos discípulos se era ele mesmo quem assava o peixe naquela fogueira acesa na praia do mar de Tiberíades, tomar o peixe e comer diante deles foi a melhor forma de provar ser ele quem dizia ser (Jo 21.9-13). Pela descrição de Pedro sobre comer com o Senhor, mesmo depois de ressuscitado (At 10.41), fica subentendido terem sido essas ocasiões mais que uma simples comida, significavam uma relação de proximidade, comunhão entre o Senhor e os discípulos.

Na ceia que inaugurou a nova aliança, mediante a distribuição do pão e do vinho, Jesus trouxe seus discípulos para a comunhão consigo próprio. A ceia, portanto, apontava para aquilo que ele estava fazendo ou tinha vindo fazer pelo homem mediante a entrega do seu corpo e o derramar do seu sangue. Com a redenção, Jesus trouxe o homem para Deus, colocou-o na família dos santos e fez dele um primogênito com ele, e, por terem participado do poder expiatoror pela sua morte, colocou os discípulos, assim, dentro da esfera da vinda e presença do reino de Deus.

Na ceia das primeiras igrejas, a presença do Jesus ressuscitado era real através da lembrança das palavras “Esse pão é o meu corpo”, que tinham o sentido de: “Esse pão sou eu mesmo”. Ao mesmo tempo, ao repetirem as palavras ditas por Jesus: “Esse é o meu sangue derramado por muitos”, os cristãos recebiam a Jesus que se deu a si mesmo por eles. Nesses casos, não importava se tinham ou não conhecido a Jesus pessoalmente. A apropriação pela fé dessas palavras era a própria encarnação do Senhor entre eles. Talvez seja esse o propósito do apóstolo Pedro ao escrever aos seus leitores, que eles,

mesmo não tendo visto ao Senhor, contudo o amavam, criam nele e exultavam “com alegria indizível e cheia de glória” (1Pe 1.8).

Ao repetirem as palavras de Jesus: “Isto é o meu corpo que é dado por vós” os cristãos reafirmavam que a morte do Senhor foi um acontecimento voluntário de Jesus e que cumpria a vontade de Deus. Não foi, portanto, uma trama política dos romanos ou uma traição dos líderes religiosos judeus. Jesus foi entregue (*paradidomai*), ‘por todos nós’ pelo Pai, era a afirmação ortodoxa dos cristãos primeiros. Ele se entregou; ele se ofereceu. Dessa forma, nem a traição de Judas, nem Roma ou Jerusalém tinham mais importância que os planos de Deus para a Igreja.

5. CEIA E NOVA ALIANÇA

Qual o sentido da ‘primeira ceia’ e da ‘última’ páscoa segundo os atos e palavras de Jesus? O Senhor deu novo significado para uma e mostrou o sentido que a outra deveria ter. Está clara, também, na prática das primeiras igrejas. Elas não deram para a ceia o mesmo sentido que os judeus davam para a páscoa. Ao comemorar uma nova páscoa, os cristãos romperam com a páscoa que marcou o êxodo do Egito.

A leitura do Novo Testamento, como queremos mostrar, também deixará claro que as igrejas não davam o mesmo significado para a ceia do Senhor. O que Paulo escreveu: “Eu recebi do Senhor o que também vos entreguei” (1Co 11.23), pode ser uma alusão ao que vira na prática da igreja em Damasco, quando lá foi batizado e conviveu com os discípulos por um tempo. Poderia ser também uma referência à prática da igreja em Jerusalém ou mesmo à forma celebrada em Antioquia (1Co 11.23-25, cf At 9.19; 11.26; Gl 1.17). Em várias localidades a ceia tomou conformações diferentes. Os Evangelhos e Cartas foram escritos nesse contexto plural das diversas práticas nas comunidades cristãs. É o que se verá a seguir.

5.1 MATEUS

Este Evangelho (Mt 26.26-29) mostra alguns aspectos interessantes da ceia. Jesus falou do oferecimento do seu corpo: “Tomem e comam; isto é o meu corpo”, e do seu sangue, isto é, de uma morte violenta que em breve sofreria: “Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos”. Ele também falou do “perdão de pecados”, e finalmente, apontou para o futuro: “Não beberei deste fruto da videira

até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino do meu Pai”.

A nova aliança, como já pontuado, foi inaugurada com novos fundamentos. A saída do Egito foi violenta, envolvendo a morte de milhares de primogênitos das famílias egípcias. Em Cristo, houve uma morte violenta do filho de Deus. Agora, porém, tudo seria diferente. Segundo os profetas Jeremias (31.31-33), e Ezequiel (36.33), o perdão dos pecados do povo, a presença do Espírito, a internalização da lei e a morada de Deus no interior do homem constituiriam os elementos principais.

O perdão garantia que Deus e o homem estavam, a partir de então, em uma relação de paz (Rm 5.1). O pecado afasta o homem de Deus (Is 59.1-2), o perdão traz Deus para perto do homem. O sangue de Cristo, muito mais eficiente que sangue de bodes e novilha, purificaria o homem de sua consciência corrupta (Hb 9.13-15). Para Mateus, então, a nova aliança é o oferecimento do perdão (corpo) e purificação dos pecados (sangue).

Jesus não repetiu os dizeres da páscoa; eles foram ultrapassados na inauguração da ceia. A páscoa apontava para o passado – Egito, cordeiro, pães e ervas amargas. Jesus apontou para o presente – o perdão, a nova aliança – e para o futuro: a ceia celeste na presença de Deus. A ceia não mais seria feita com a morte de um animal, mas com a presença de elementos da alimentação diária: o pão e o vinho, aquilo que fazia parte das refeições normais dos cristãos.

5.2 MARCOS

Escrevendo para leitores gregos e romanos que não acreditavam que os deuses se interessassem pela vida dos homens na terra, o Evangelho de Marcos (Mc 14.22-25), enfatiza a relação de aliança que fora recentemente instituída. A ceia é o anúncio de que Deus está em paz com o homem. Portanto, participar dela significaria revigorar a comunhão com Deus e anunciar que Deus se tornou favorável ao homem. A nova aliança é o ato de Deus viver e se interessar pela vida do homem na terra.

Ao abençoar o pão, Jesus assumiu a posição de chefe de uma nova família, a Igreja. Como a ceia estava dentro do contexto da antiga aliança, Jesus

anunciou, em contraste, ‘o sangue da nova aliança’ (Mc 14.24). Essa nova aliança é a aliança da salvação que entrava em vigor tendo por base o sangue de um outro cordeiro, Jesus. Aqueles que participaram da ceia celebraram a nova ordem da salvação fundada por Deus através do seu filho. Quando a comunidade cristã recebe o pão, recebe uma participação no Senhor que foi entregue à morte em prol dos fiéis. Quem recebe o pão recebe o próprio Jesus.

5.3 LUCAS

O Evangelho de Lucas (22.15-20) aborda a reunião do partir do pão como era feita tanto nos banquetes dos judeus quanto dos gregos. Primeiramente, se distribuía um cálice aos participantes. Após a distribuição do primeiro cálice, uma oração de bênção era feita sobre a comida, chamada de *deipnon*. Depois da comida, um novo cálice deveria ser distribuído, sobre o qual se pronunciava uma segunda bênção. Nas primeiras igrejas, esse cálice foi chamado de ‘cálice da bênção’ (1Co 10.16).

O terceiro Evangelho aponta para o sofrimento real do Senhor e a iminente morte pela qual haveria de passar em breve. Lucas traz o anúncio da volta de Jesus para antes de tomar o cálice e comer o pão. Logo adiante abordaremos o aspecto escatológico da ceia e da responsabilidade de a igreja proclamar a vinda do Senhor. Aqui, porém, pontua-se que a ênfase na volta de Cristo deveria ser tão frequente quanto a alimentação diária que os crentes faziam juntos sempre que se reuniam. Quer dizer, anunciar Jesus e a sua iminente volta é tão importante quanto conviver com ele e dele se alimentar e com ele ter comunhão.

A análise que Lucas fez da ceia apontava para um futuro escatológico. Passados alguns anos de espera, ou seja, o intervalo entre o anúncio de Jesus e a vida dos leitores, muitos já duvidavam que Cristo seria suficientemente fiel para cumprir a promessa da sua vinda. Por outro lado, alguns achavam que ele já tinha vindo e que muitos haviam ficado. Na ceia, essa esperança era renovada e a fé dos vacilantes era fortalecida.

5.4 JOÃO

Ainda que o quarto Evangelho não tenha uma passagem como os têm os sinóticos sobre a ceia, é possível ver-se elementos narrativos com referência a sua prática. João deu ênfase a comer (gr.: *trogo*, mastigar) a carne de Cristo e beber o seu sangue (Jo 6.51-58). Ainda que *trogo*, *comer*, *mastigar*, *seja*

um termo frequente no capítulo 6 de João, não se trata, porém, de um comer literal. Segundo o verso 63, Cristo se faz presente na sua palavra. Assim, ele está representado na realização da ceia naquele que o faz mediante a fé.

No capítulo 13 de João existe o cenário da ceia que Jesus fez com seus discípulos, onde lhes lavou os pés. Com esse ato, Cristo demonstrou a importância do serviço que os crentes deveriam prestar uns aos outros e a aceitação mútua entre os discípulos. Esse serviço (koinonia) passou a ser um dos principais elementos que demonstravam a fé em Jesus. Dentre as viúvas que a igreja teria a obrigação de ajudar, estavam aquelas que tinham prestado um relevante serviço para outros: “ser hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados e dedicar-se a todo tipo de boa obra” (1Tm 5.10).

A ceia em João tem a ver com aquele comer e beber que é a crença em Cristo. Nele, o crente tem de permanecer. O fiel vive o dia a dia com Jesus; diariamente precisa alimentar-se dele. Os leitores de João talvez estivessem acreditando que ele não teria vivido a integralidade da sua humanidade ou duvidassem que tivesse encarnado, que fosse apenas uma sombra, aparência, mas não tivesse um corpo verdadeiro. Tal descrença foi combatida nas palavras desafiadoras de Jesus a Tomé: “Coloque o seu dedo... veja as minhas mãos... coloque sua mão no meu lado” (Jo 20.27). Para quem acreditava em um Jesus desencarnado, era preciso aprender com o desafio de mastigar a carne do Senhor, apropriar-se dele, comer a sua carne, beber da água que ele mesmo daria.

5.5 PAULO

Paulo interpretava o conjunto dos crentes em uma igreja como formando ‘um só pão’ (1Co 10.17). Ainda que fosse formada por muitos indivíduos, contudo, era um só corpo, e esse corpo era nada menos que o corpo de Cristo. Paulo entendia a Igreja como o conjunto dos crentes, logo, a presença e participação de cada um transforma o corpo invisível de Jesus no corpo visível, que é a Igreja; o corpo imaterial do Senhor ressuscitado se materializava na existência e presença de cada um.

Se alguém é de Cristo, então, é necessariamente parte desse corpo, que é a Igreja. Ser de Cristo é ser Igreja, mas também é ser da igreja (comunidade local). Nesse caso, desconsiderar um irmão em qualquer lugar ou ocasião, e principalmente na ceia, não esperando um pelo outro, comer ou beber sozinho,

significava rejeitar o próprio Jesus que estava em cada irmão rejeitado. A ceia que, por qualquer motivo, não consegue produzir a verdadeira comunhão dos irmãos à mesa revela-se como um abuso, não um culto. Deixava a presença do Senhor na reunião e se aproximava da reunião do simpósio. Nesse caso, o crente passava a se comportar como mais importante que o Senhor.

A redenção através do sangue de Cristo tornou a Igreja um só corpo. A melhor forma de mostrar e demonstrar a unidade deste corpo é na dramatização da realização da ceia, que unifica a comunidade em torno de Cristo e dos irmãos. A realização da ceia a partir do sentido dado por Paulo, mostra a unidade da Igreja feita pelo Senhor. É nela, portanto, onde se mantém a consciência da unidade que os crentes têm entre si.

O crente está tão ligado a Jesus que Paulo usou tanto a expressão “Cristo em vós” (Cl 1.27), quanto “Vocês estão nele” (Rm 8.1). Essa união é tão indissolúvel que aquele que pertence a Cristo quando se une com uma prostituta faz com que Cristo se prostitua também (1Co 6.15-17). Essa união mística do homem com Deus fazia com que, da mesma forma, aquele que participasse das cerimônias de comida em templos de ídolos se tornava um com aquele ídolo (1Co 10.19-21).

Visto que na ceia existe uma comunhão do crente com Deus, assim também há uma celebração da unidade dos crentes. Logo, participar indignamente da ceia (1Co 11.17-34), é a própria contradição humana, pois se está dizendo que a unidade feita por Cristo entre os crentes não existe de fato. Estar indigno nas reuniões da ceia é negar a obra do Senhor, significa destruir aquela unidade feita pelo próprio Deus. Portanto, quem nega a unidade divina entre os crentes, nega a unidade do crente com Jesus. Pecar contra um irmão é pecar contra Cristo (1Co 8.12). Segundo o pensamento de Paulo, foi Deus quem criou a unidade entre os crentes (1Co 12.24-27). Logo, o fiel não faz a unidade, ele apenas deve lutar por preservar tal unidade (Ef 4.3).

5.6 PEDRO E JUDAS

Poucos versículos ficaram nos escritos de Pedro e Judas quanto à realização da ceia do Senhor. No entanto, os relatos desses escritos trazem luz para se entender essa prática entre os cristãos dos primeiros séculos nas comunidades leitoras. De acordo com Pedro (2Pe 2.13), haviam pessoas que se postavam indignamente enquanto participavam dos banquetes (*sineuokomenoi*) dos

cristãos. Provavelmente esses banquetes eram os mesmos aos quais Judas (Jd 12) se referiu em sua epístola (*agapais*).

Como já escrito, nos banquetes gregos, as pessoas comiam e bebiam – primeira parte (*deipnon*), e, na segunda, o simpósio, havia um espaço socialmente aberto para o esnobismo, egocentrismo, momento para falar de seus feitos, status e glória pessoal. O banquete lembra muito o que Jesus falou daquele fariseu que se elogiava a si mesmo e se achava melhor que o gentio (Lc 18.11), ou como o autoconfiante jovem rico (Mc 10.21-5).

O problema nessas festas era que as pessoas estavam mais interessadas em mostrar seus feitos que os feitos de Deus, confiavam mais em si do que no Senhor. Por conseguinte, falavam mais de si do que do Salvador. Em virtude de tais atitudes, tanto Paulo (1Co 11), quanto Pedro (2Pe 2.13), e Judas (Jd 12), condenaram tais comportamentos entre aqueles crentes. No fundo, tal tipo de comportamento demonstrava que eles nada tinham com Cristo e com os irmãos.

A autoconfiança baseada em status, riqueza ou nome é tão condenável quanto firmar-se nos dons que Deus concede ao crente e este começa a usá-los como seus. Na carta aos colossenses, há uma advertência às pessoas que se orgulham de dons que lhes foram dados e que os usam como se fossem seus, quer dizer, usam os dons espirituais para exibicionismo. Esses estão no mesmo patamar daqueles que confiam em sua própria carne (Cl 2.18-19).

6. CEIA E ESCATOLOGIA

Mateus, Marcos, Lucas e Paulo (1Co 11), dão ênfase à volta de Cristo no contexto da ceia do Senhor. Lucas, aliás, trouxe a realidade dessa volta (*parusia*) para antes mesmo que a ceia fosse realizada. A realidade da ceia, o que Jesus fez – nova aliança, redenção do homem e perdão dos pecados – é tão importante quanto o anúncio da sua volta. Dessa forma, um culto de ceia é também um anúncio da *parusia*.

Parece haver uma relação entre a ceia e a promessa de uma comida escatológica (Is 25.6-8), uma festa abundante presidida pelo Senhor ‘para todos os povos’. Essa festa será caracterizada pela superação da morte e da tristeza. Assim como Isaías falou de uma festa futura feita pelo Senhor para os povos, Jesus prometeu consumir a salvação e assegurou aos discípulos que aquela seria a última refeição com eles antes daquela que seria feita na

consumação dos tempos. Com a promessa de uma ceia futura, Jesus anunciava a superação da sua vida sobre a morte, e, por conseguinte, a sua vinda e a vitória final de Deus. Todas as vezes que a ceia fosse realizada, os discípulos deveriam lembrar a promessa de que os dias que viviam seriam diferentes no futuro. Assim como Jesus venceu a morte, o mal será vencido e tomado pela presença do Senhor.

A perspectiva escatológica faz da ceia um momento alegre. Daí os melhores termos que definiriam sua prática seriam aqueles em que os fiéis já conheciam e usavam: eucaristia, ágape e banquete. A celebração da ceia com aspectos festivos foi uma realidade entre as primeiras comunidades cristãs. A alegria escatológica levou muitos fiéis daqueles dias a abusarem da sua prática, usando a ocasião com motivos personalísticos e egóticos. A alegria da ceia cristã se dava em virtude de estar na presença e em comunhão à mesa com o Jesus glorificado (At 10.41; Lc 24.30-31, 35, 43; Jo 21.13).

A expressão ‘partir o pão’ (*klaō ton arton ou klasis tou artou*), (Lc 24.30, 35; Jo 21.13), no contexto da realização da ceia pode remontar ao sofrimento de Jesus. Se assim for a interpretação correta, essa era a parte em que a ceia deveria ser realizada como lembrança do oferecimento, sofrimento e morte de Jesus (1Co 15.3-4). O *klasis tou artou* (partir o pão) está junto, então, com o ‘Fazei isso em memória de mim’ (Mt 26.26; Mc 14.22; Lc 22.19; 1Co 11.24).

O uso da frase “até que ele venha” (1Co 11.26), como mandato da ceia tem uma relação estreita com o pentecoste: “nos últimos dias derramarei do meu Espírito” (At 2.17). Tanto um quanto outro texto tratam da inauguração dos dias finais. Conclui-se, naturalmente, que a Igreja, então, é o povo com uma vocação escatológica. Ela já vive os últimos dias (Hb 1.2), inaugurado no sacrifício de Jesus e homologado na vinda do Espírito de Deus. Desde quando Jesus inaugurou a ceia e anunciou a sua morte e ressurreição e o cumprimento da vinda do Espírito se consumou, tudo aponta para o fato de que o povo de Deus é uma nação escatológica. A Igreja já vive os últimos dias. O fim já começou; os cristãos só esperam o seu cumprimento total.

Por causa do Espírito, a Igreja é tanto uma comunidade carismática, no sentido de que tem o Espírito como dom, quanto é um povo escatológico. Ela vive o processo da consumação dos planos de Deus. Ela se posta entre a inauguração da nova aliança e o cumprimento da vinda futura do Senhor para resgatar os seus.

Cada realização da ceia antecipa escatologicamente o dia em que Cristo preparará uma mesa para que todos os fiéis comam no reino de Deus (Jo 14). Com a ceia, a Igreja confessa que é proclamadora da mensagem de Cristo, sua salvação, vida e presença entre os homens. Enquanto povo proclamador, os crentes anunciam Cristo para os de fora e celebram a vinda passada, a vida presente em cada um e a vinda futura de Cristo para os de dentro. Ao mesmo tempo, reconhecendo-se como uma comunidade escatológica, o povo de Deus confessa que não está preso às coisas deste mundo, que não depende apenas do emprego ou dinheiro para viver e sobreviver. Ela anuncia que seu sustento vem somente de Deus, e, vivendo no presente, tem o olho no futuro, que, vivendo na terra, tem o seu olhar fixo nas coisas de cima, que são eternas. Sendo uma comunidade escatológica, a Igreja celebra e experimenta no presente os poderes da era vindoura (Hb 6.5), o poder da ressurreição de Jesus (Fp 3.10).

7. A PARTICIPAÇÃO NA CEIA

O sentido de tomar a ceia indignamente, parece tratar-se do entendimento paulino sobre a unidade mística existente nos crentes. Logo, tratar o irmão com desconsideração significava tornar-se indigno para o culto da ceia. Analisando outros textos do Novo Testamento, vê-se que algumas outras precauções e procedimentos existiam ou deveriam existir para que alguém participasse da ceia. Assim como havia a invocação e bênção pela presença de Deus à mesa, havia também uma *xenia*, uma hospitalidade, acolhimento estendido aos presentes assim como o beijo das boas vindas.

Além desses atos, um exame era requerido de quem estava no culto antes da realização da ceia. Esse exame exigia que o participante olhasse para si diante da fé em Cristo. O primeiro exame era feito em relação do fiel com os outros crentes. Este último, desafiava o cristão a ser honesto consigo mesmo antes de tomar o pão e o cálice do Senhor. Paulo escreveu: “Se alguém não ama o Senhor, seja amaldiçoado” (1Co 16.22). Este era o *anátema*, a maldição à qual estaria exposto quem ceasse pelo simples ato de ceiar.

Como um dos últimos atos da ceia, estavam presentes a invocação escatológica e a bênção final. A invocação escatológica: “Vem, Senhor!”. Como já fizemos ver, a Igreja é a comunidade dos últimos dias, é o povo do pentecoste: “Bem-aventurado aquele que comer pão no reino de Deus” (Lc

14.15). É com uma invocação escatológica que o Apocalipse termina e termina o texto bíblico total: “Vem, Senhor Jesus”. Depois da invocação escatológica, era dada uma bênção final: “A graça do Senhor seja com vocês” (1Co 16.23); “A graça do Senhor Jesus seja com todos. Amém” (Ap 22.21). O ‘*maranata*’ é a forma audível de a igreja repetir a cada ceia: “Até que ele venha”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização da ceia, todos esses elementos estavam presentes: a proclamação do sacrifício de Jesus, a garantia do banquete escatológico; a participação da ordem divina da salvação, estabelecida pela morte como sacrifício da aliança; a certeza do perdão dos pecados; a incorporação da Igreja na nova aliança como corpo de Cristo e a proclamação da encarnação mediante o sacrifício de Jesus. Tudo isso fica sendo uma realidade na ceia, e nela é transmitido, porque o Cristo ressuscitado está presente ali. Ele mesmo torna real a sua presença enquanto a ceia era celebrada, fazendo, portanto, com que fosse a ceia do Senhor.

Ao longo do tempo, a ceia acabou tendo diversos significados e muitas exigências e interditos foram colocados para a sua não participação. Nos dias atuais, tudo pode ser causa para a não participação da comunhão do Senhor: relações conjugais – não existência de um casamento civil, por exemplo – não ser membro da igreja local, ser membro da mesma denominação mas não daquela igreja local e não ser batizado estão entre algumas das condições restritivas.

Por outro lado, muitos se ausentam da comunidade local e reaparecem somente no dia da ceia. Para esses, ela tem alguma bênção especial e dela emana um fluído espiritual. Não é a ceia que trará benefícios aos crentes. Ela já é um benefício de Cristo a cada um dos participantes. O ‘segredo’ da ceia é a apropriação da fé em Cristo.

A ceia deveria ser celebrada como algo além e mais profundo que uma celebração semanal ou mensal. Ela deveria ser o resultado de um povo que vive diariamente com o Senhor e que dele se alimenta. A ceia é a forma de dizer que a Noiva espera pelo Noivo, que anseia ser recebida para as bodas, e que, antes que tudo isso aconteça, vive dia a dia a vida real com ele.

A ceia, em si, não carrega qualquer energia ou bênção especial. O que faz dela algo especial é a presença, presidência do Senhor como testemunha e

convidado especial na reunião da comunidade de fé. Sendo assim, ela não depende de quem a realiza nem de onde é realizada, mas da presença do Senhor, da relação do crente com o Senhor e com o irmão, e, principalmente, se o participante ama o Senhor. Se não ama, é apenas um maldito que come algo.

Há muitos que enfatizam na prática do batismo a forma, quantidade de água e quem está celebrando o ato. Ao prender-se a esses aspectos, esquece-se daquilo que é mais importante, o nome que está sendo invocado sobre o batizando, ou seja, em nome de quem se está sendo batizado. Da mesma forma, prestar-se atenção no celebrante da ceia e no local onde está sendo celebrada é deixar de fora os elementos principais conforme o Novo Testamento: a presença do Senhor, a relação do crente com o Senhor e se o participante ama ou não o Senhor. O resto, é banquete.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional